IX Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade
V Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade
V Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade

RESPEITA AS MINA! A CONSTRUÇÃO DOS REPERTÓRIOS FEMINISTAS DAS JOVENS ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO DA PERIFERIA LESTE DA CIDADE DE SÃO PAULO

Eixo Temático 22:

JUVENTUDESCONTEMPORÂNEAS:PROBLENATIZANDO CORPOS, GÊNERO E SEXUALIDADES

Maria Efigenia Ribeiro Pereira [1]

RESUMO

Atualmente, as concepções feministas têm possibilitado novas formas de organização, visibilidade e luta para a juventude brasileira, ao questionarem os discursos da verdade produzidos sobre o corpo, gênero e sexualidade. A pesquisa se propõe compreender como os repertórios feministas contemporâneos estão sendo construídos pelas estudantes do ensino médio da periferia leste da cidade de São Paulo. Quais são estes repertórios e quais consequências têm trazido para a vida das estudantes, especialmente, nos espaços doméstico e escolar. Foram realizadas 14 entrevistas semiestruturadas com estudantes do ensino médio de uma escola pública da periferia leste da cidade de São Paulo. Destacaram-se nas entrevistas as temáticas sobre o Corpo e Sexualidade, Desigualdade e Direitos e Sonhos e Projetos de Futuro.

Palavras-chave: Educação; Feminismos; Gênero; Juventude; Periferia.

INTRODUÇÃO

[1] Doutora em Educação pela Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP – efigeniarp@gmail.com; m133869@dac.unicamp.br

Dadas as características das manifestações juvenis contemporâneas que eclodiram por diversas cidades brasileiras no período de 2011 a 2015: Jornadas de Junho de 2013 ou Movimento Passe Livre[2], Marcha das Vadias [3] , Ocupação das Escolas de ensino médio[4] e Primavera Feminista[5]. Autoras como Hollanda (2018); Bogado (2018); Rago (2015); Gohn (2014) têm ressaltado o humor, a autonomia, a horizontalidade, o caráter apartidário, a presença de manifestações artísticas culturais e a forte participação da juventude periférica como marcantes nestes movimentos. Diante da diversidade das narrativas e práticas feministas da atualidade, a pesquisa se propôs compreender a construção dos repertórios feministas contemporâneos pelas jovens estudantes do ensino médio da periferia leste da cidade de São Paulo. Através da interlocução com este grupo, identificamos quais são os repertórios feministas e os efeitos destes, na trajetória de vida das estudantes, especialmente nas relações familiares e escolares.

Desde o final do século XIX o Movimento Feminista deu visibilidade as reivindicações pelos direitos das mulheres. As lutas em diferentes cenários geográficos, políticos e culturais têm destacado uma necessidade histórica do movimento de adequar-se as dinâmicas históricas que se apresentam. Portanto, o movimento feminista tem se constituído ao longo dos anos através da dinâmica de diferentes realidades e no agenciamento de diferentes mulheres, na luta contra as desigualdades de gênero e demais injustiças sociais. Compreender este processo histórico tem contribuído com a reflexão sobre as características do ativismo feminista juvenil da atualidade. Sem abandonar as chamadas demandas históricas (repertórios) da luta feminista,

[2]As Jornadas de junho de 2013, Levante popular de 2013, Insurreição de 2013, ou Protestos no Brasil em 2013, foram uma série de mobilizações de massa ocorridas simultaneamente em mais de 500 cidades do Brasil no ano de 2013 que teve como finalidade protestar contra o aumento das passagens de ônibus.

[3] A Marcha das Vadias é uma manifestação que protesta pelo direito das mulheres usarem as roupas e se comportarem da forma que quiserem. Começou em 2011, no Canadá, e desde então se internacionalizou.

[4] Em novembro de 2015, cerca de 200 escolas paulistas foram tomadas por estudantes. Eles protestavam contra a reestruturação do sistema educacional estadual. No início de 2016, a ocupação de escolas técnicas (ETECs) por alunos teve foco maior no estado de São Paulo. O foco foi fornecimento de merenda, que estava prejudicado por causa do esquema conhecido como “máfia da merenda”.

[5] Manifestações feministas pelas cidades brasileiras em outubro de 2015 para barrar o Projeto de Lei 5069/2013, do então presidente da Câmara (Eduardo Cunha) que buscava restringir o direito ao aborto previsto em lei.

nem ignorar as estratégias de protesto e reivindicação das gerações passadas, o chamado feminismo juvenil tem trilhado por caminhos construídos a partir de suas experiências cotidianas das opressões de gênero em intersecção outros marcadores sociais da diferença e da diferença.

A conexão das redes digitais com as ruas foi imprescindível para os coletivos feministas da atualidade. De acordo com Sakamoto (2013) e Mota (2017) as tecnologias de digitais de comunicação não são apenas ferramentas de descrição, mas sim de construção e reconstrução da realidade e são inerentes às estratégias dos movimentos feministas contemporâneos compostos, em sua maioria, por mulheres muito jovens que se organizam horizontalmente pelos meios digitais. O termo Repertórios Feministas tem aparecido com muita frequência nas pesquisas sobre os feminismos contemporâneos, (Alvarez, 2014a; 2014b); (Medeiros, 2017); Bezerra, 2014) retomam o conceito para analisar trajetórias, pautas, estratégias de luta e resistência dos feminismos no Brasil e na América Latina, assim como, para compreender o ativismo juvenil da atualidade em suas múltiplas características.

Compreendendo a juventude como uma construção histórico social permeada pelos valores e práticas dos grupos sociais hegemônicos, a experiência de pertencer a este grupo etário, está condicionada aos atravessamentos interseccionais de raça, classe, gênero, orientação sexual, território, religiosidade etc. Na tentativa de ampliar a reflexão e o trabalho metodológico a respeito das múltiplas experiências do que chamamos juventudes, Weissheimer (2013), Groppo (2016), Abramo (2008), Spósito (2003) têm utilizado os conceitos de condição juvenil e situação juvenil. Entende-se por condição juvenil a etapa do ciclo da vida entre a infância, marcada pela quase total dependência da família para a satisfação das necessidades básicas de sobrevivência, e a vida adulta, considerada a fase de pleno desenvolvimento das capacidades de produção, reprodução e participação social. Para os autores pensar a juventude como categoria social é interpelar sobre quais condições históricas, sociais e culturais estamos nos referindo, não há uma juventude, mas múltiplas experiências de pertencimento aos marcadores sociais de desigualdade.

METODOLOGIA

O trabalho de campo ocorreu em uma escola de ensino médio a partir da mediação de alguns professores e professoras que tornaram possível o contato com algumas estudantes que

se destacavam no contexto escolar, por uma posição proativa, contestadora ou que se definiam publicamente no ambiente escolar, como simpatizantes das ideias feministas. Deste modo, foram entrevistas 14 estudantes distribuídas entre os 1º, 2º e 3º Anos do Ensino Médio, sendo 7 estudantes do período da manhã, 4 estudantes do período da tarde e 3 estudantes do período noturno. As entrevistas foram realizadas presencialmente nas dependências da unidade escolar, em horário acordado entre a pesquisadora e as respectivas estudantes. Juntamente com o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE) e o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), foi encaminhado para as estudantes um pequeno roteiro que serviu de guia para as entrevistas. As entrevistas ocorreram respeitando as características de cada participante e a liberdade de não responder qualquer uma das perguntas que constavam no roteiro. Na primeira etapa de ordenamento e classificação do conteúdo das entrevistas, o roteiro foi um facilitador. Os assuntos com a mesma afinidade foram sendo identificados e agrupados na Tabela de Repertórios[6]. Nesta etapa, observamos a presença recorrente de algumas temáticas ao longo de todas as entrevistas e desta forma a Tabela de Síntese dos Repertórios[7] organizou estas temáticas em três grandes eixos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO:

Na Síntese dos Repertórios, última etapa de ordenamento e classificação, três grandes eixos temáticos ganharam destaque: a) Corpo e Sexualidade, os relatos das estudantes discorreram sobre a percepção do corpo e da sexualidade como principal alvo das violências de gênero sofridas pelas mulheres; b) Desigualdade e Direitos, os relatos versaram sobre a percepção que as estudantes tinham sobre as desigualdades de gênero no mundo do trabalho, na educação e no espaço doméstico; c) Sonhos e Projetos de Futuro, trouxe as histórias particulares das estudantes que, através das lentes dos feminismos, têm projetado um futuro com autonomia financeira e liberdade, mediante a continuidade da escolarização e formação profissional.

[6] Tabela de Repertórios – Tabela no Word com conteúdos/temáticas presentes nas entrevistas, acompanhado dos nomes fictícios das respectivas estudantes entrevistadas.
[7] Síntese dos Repertórios – Após a primeira sistematização na Tabela dos Repertórios, os conteúdos foram agrupados em três eixos temáticos afins: i) Corpo e Sexualidade; ii) Desigualdades e Direitos; iii) Sonhos e Projetos de Futuro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desde muito cedo, as mulheres são preparadas para o desenvolvimento das habilidades necessárias à prática do cuidado como parte constitutiva de sua "identidade feminina", de modo que, quando os homens exercem estas atividades consideradas "femininas", no senso comum, eles estão apenas ajudando a parceira. Neste aspecto, o questionamento e a revolta das estudantes com as experiências de subalternidade das mulheres (mães) na esfera doméstica vêm provocando descontinuidades neste aprendizado generificado de poder. A percepção dessas situações de machismo e desigualdades de gênero aproximou as estudantes dos repertórios feministas e, ao questionarem os modelos familiares organizados a partir dessa lógica patriarcal, sexista e machista, elas têm tensionado as relações de gênero na esfera doméstica e o regime de verdades do saber-poder que estruturam o fazer político dos grupos hegemônicos que insistem em dificultar a construção da autonomia e da liberdade das mulheres. A escola como instituição formal responsável pela produção e transmissão do conhecimento está eticamente comprometida com o pensamento crítico e a emancipação humana e se destacou nos relatos das estudantes como imprescindível para com a construção da autonomia e liberdade das mulheres.

Embora não façam parte de coletivos feministas, mas tendo o legado feminista de outras gerações como aprendizado, as estudantes do ensino médio declaram-se feministas por concepção de vida e de mundo, têm atitudes feministas no enfrentamento das opressões cotidianas no âmbito doméstico, escolar e são solidárias com as lutas contra todas as desigualdades sociais. A partir dos dados observamos que cinco repertórios feministas foram elencados pelas estudantes como significativos para o enfrentamento das adversidades cotidianas, assim como orientar as suas trajetórias de vida: a) Autonomia sobre o corpo e a sexualidade; b) Projetos futuros de vida com autonomia financeira, formação profissional e liberdade de escolhas; c) Reivindicação de relações igualitárias no espaço doméstico; d) Valorização do conhecimento e do saber científico; e) Direitos da população LGBTQIA+. Todos os repertórios feministas apontados pelas estudantes comunicam-se entre si a partir do questionamento as prescrições religiosas e normas sociais que buscam aprisionar as mulheres, seus corpos e sua sexualidade nas expectativas de gênero. A valorização da educação e do conhecimento científico tem impulsionado as jovens estudantes nos processos de construção de autonomia, solidariedade e empatia para com a luta pelos direitos humanos.

REFERÊNCIAS

ABRAMO, Helena Wendel. **Condição juvenil no Brasil contemporâneo**. *In:* ABRAMO, H.; BRANCO, P.P.M. Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional. São Paulo: Instituto Cidadania; Fundação Perseu Abramo, 2008. p. 37-72.

ALVAREZ, Sonia, E. **Para além da sociedade civil: reflexões sobre o campo feminista** In: Dossiê: O gênero da política: feminismos, Estados e Eleições, Cadernos PAGÚ (43), janeiro-junho de 2014a.

_____. **Engajamentos Ambivalentes, Efeitos Paradoxais: movimentos feminista e de mulheres na América Latina e/em/contra o desenvolvimento**, Revista Feminismos, volume, número 01, jan./abr., 2014b.

BEZERRA, Carla de Paiva. **Movimento feminista brasileiro: repertórios e estratégias de ação,** vol.2, n.1 jan. - abr. 2014, Disponível: www.feminismos.neim.ufba.br. [Acesso em 13 abr. 2024].

BOGADO, Maria. **Rua.** *In:* HOLLANDA, Heloisa Buarque de: Explosão: Arte, cultura, política e universidade, 1ª edição, São Paulo, Companhia das Letras, 2018, pp. 23-42.

GOHN, Maria da Glória. **Manifestações de Junho de 2013 no Brasil e praças dos indignados no mundo**, Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

GROPPO, Luís Antonio. **Juventudes: Sociologia, cultura e movimentos.** Universidade Federal de Alfenas, MG, 2016.

HOLLANDA, Heloísa Buarque de. **Explosão Feminista: arte, cultura, política e universidade,** 1ª edição, São Paulo, Companhia das Letras, 2018, pp. 241-251.

MEDEIROS, Jonas Marcondes Sarubi. **Movimentos de mulheres periféricas na Zona Leste de São Paulo: ciclos políticos, redes discursivas e contra públicos** (Tese) Educação, Faculdade de Educação da Unicamp, Campinas, SP, [s.n.], 2017.

MOTA, Keli Rocha Silva. **Feminismo contemporâneo: como ativistas de São Paulo compreendem uma terceira onda do movimento no país**. Revista Extraprensa, 11(1), 108-127, 2017. In: https://doi.org/10.11606/extraprensa2017.139729. [Acesso em 01 jun. 20].

RAGO, Margareth. **O feminismo está na moda. Virou pop**. Disponível em: https://epoca.globo.com/vida/noticia/2015/11/margareth-rago-o-feminismo-esta-na-moda-virou-pop.html – [Acesso em 11 mai. 2020].

SAKAMOTO, Leonardo**. Em São Paulo, o Facebook e o Twitter foram às ruas**. In: MARICATO, E. [et al.] - Cidades Rebeldes: Passe livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil, 1ªedição, São Paulo: Boitempo: Carta Maior, 2013.

SPÓSITO, Marília Pontes; CARRANO, Paulo Cesar Rodrigues. **Juventude e políticas públicas no Brasil**, n. 24, set/out/nov/dez. 2003.

WEISHEIMER, Nilson. **Sociologia da juventude**. Curitiba: Intersaberes, 2013.